

HISTÓRIA DOS SURDOS

AFINAL É UMA LÍNGUA!... A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DOS LINGUISTAS

Doutor Carlos Afonso

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

No nosso último artigo referimos o Congresso de Milão de 1880 e as consequências que advieram da decisão sobre a supremacia do método oral e a proibição da utilização de gestos.

Isso não viria a impedir que os Surdos, sobretudo no âmbito de escolas especiais (internatos ou semi-internatos) continuassem a “falar com as mãos” criando vários códigos de sinais que, rapidamente, iam proliferando e sendo transmitidos, por exemplo, quando se verificavam mudanças de local. Só que estes sinais eram feitos às escondidas de vigilantes e professores, com medo das represálias que pudessem surgir. Tomaram, portanto, um carácter “clandestino” e eram vistos, apenas, como uma “linguagem gestual”, expressão que ainda nos dias de hoje vemos ser erradamente usada.

Essa linguagem viria, contudo, a suscitar o interesse de vários linguistas nomeadamente de William Stokoe (1960) e Bellugi e Klima (1977) que realizam sobre ela vários estudos. O mais clássico foi feito por Stokoe e denomina-se “Sign language structure: an outline of the visual communication system of the american deaf”.

Tudo poderia ter-se passado sem grande relevância se não fosse o caso desses linguistas (de renome e, portanto, insuspeitos) terem concluído que, nessa “linguagem gestual”, existiam regras para a construção de palavras e frases, que obedeciam a uma gramática própria. E que afinal era uma Língua e não apenas uma linguagem. Era uma Língua Gestual.

Hoje em dia reconhecemo-la como tal e que ela é a primeira língua dos Surdos.



Stokoe

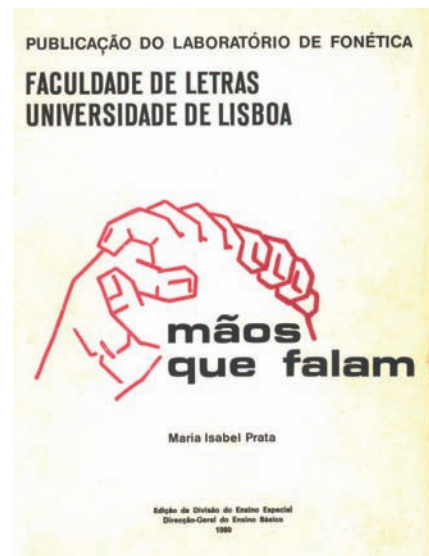
Mas naquela altura, segundo Sacks (1998), o impacto destes estudos foi limitado quer entre os linguistas quer na comunidade Surda. Esta, assumiu, inclusivamente, alguns foros de hostilidade pois, segundo Sacks (1998: 157), “os Surdos consideram a Língua de sinais uma parte imensamente íntima, indissociável de seu ser, algo de que eles dependem, e também, assustadoramente, algo que lhes pode ser tirado a qualquer momento”.

Os próprios Surdos, por outro lado, não tinham consciência de que se tratava, efectivamente, de uma Língua o que não é de estranhar atendendo a um passado de vários anos em que os gestos tinham sido proibidos e só feitos em contexto de “clandestinidade”. Daí a enorme “surpresa”.

Os estudos posteriores sobre a Língua Gestual vieram revelar que, ao contrário do que por vezes se pensa, não se trata de uma linguagem pobre, feita de pantomina, com conteúdo restrito, mas de uma Língua com todas as suas possibilidades. Assume-se, porém, como um sistema linguístico independente do sistema das línguas orais (Quadros, 1997) pois, ao contrário destas, não é auditivo-oral, mas visuo-espacial e daí, por exemplo, o uso do espaço como valor sintáctico e a simultaneidade dos aspectos gramaticais (Skliar, 2001: 24).

Estas constatações implicam que a Língua Gestual seja adquirida precocemente, o que nem sempre é fácil, dado que a maioria dos Surdos é filha de ouvintes o que dificulta o banho linguístico desde o nascimento. Acrescente-se a isso o facto de muitos pais ainda recusarem que os seus filhos sejam expostos à Língua Gestual optando única e exclusivamente pela oralidade. Essa situação tem vindo a ser agravada com uma maior generalização da implantação coclear.

Em Portugal, só na transição para a década de 80, iremos assistir aos primeiros estudos linguísticos sobre Língua Gestual assumindo um lugar de relevo o que foi realizado durante o “Curso de especialização de linguistas no domínio da deficiência auditiva” (1978/80), organizado pelo Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em colaboração com a Divisão de Ensino Especial da DGEB e que teve a orientação científica de Raquel Delgado Martins. Daí resultou a edição, em 1980, do livro “Mãos que falam” (Prata, 1980). Para além de um registo fotográfico de cerca de 250 gestos produzidos pelos Surdos portugueses e recolhidos com a colaboração da Associação de Surdos de Lisboa, neste livro é apresentado o primeiro estudo linguístico sobre a Língua Gestual Portuguesa. A consagração desse estatuto de Língua tem um



enorme valor simbólico pelo que deveria merecer um lugar de honra no “museu da história dos Surdos portugueses”.

Estes estudos sobre a Língua Gestual, que referimos, viriam a ter outras consequências entre as quais o questionamento do paradigma médico-terapêutico que concebia a surdez como uma deficiência auditiva. Parte-se para um novo olhar (um paradigma sócio-antropológico da surdez) que olha para a surdez como uma diferença cultural e linguística valorizando os Surdos como sujeitos de experiência visual com uma língua e cultura próprias.

Ao defendermos que afinal é uma Língua, podemos inferir (citando I. King Jordan, o primeiro reitor Surdo da Universidade de Gallaudet) que “os Surdos podem fazer tudo o que os ouvintes fazem, excepto ouvir” (Sacks, 1998: 171).

Fontes e referências:

- AFONSO, Carlos (2008). *Reflexões sobre a surdez*. Porto: Gailivro
- Prata, Maria Isabel (1980). *Mãos que falam*. Lisboa: D.G.E.B.
- Quadros, Ronice Muller (1997). *Educação de Surdos – a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas
- SACKS, Oliver (1998). *Vendo vozes – uma viagem ao mundo dos Surdos*. São Paulo: Companhia das Letras
- SKLIAR, Carlos (org) (2001). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação. ■